

SAMPAIO BRUNO

# OS TRÊS FRADES

E OUTROS TEXTOS DE FICÇÃO



## NOTA EDITORIAL

*Escritor e publicista extraordinariamente precoce, José Pereira de Sampaio (Bruno) iniciou a sua colaboração regular na imprensa portuense em 1872, quando contava apenas 15 anos, intervalando, então, artigos de opinião política, literária e filosófica com folhetins de índole romanesca.*

*Se a obra especulativa do pensador portuense é, hoje, conhecida do público culto, muito poucos serão os que têm notícia destes seus juvenis tentames ficcionais, publicados entre os 15 e os 22 anos do autor, e que, na recolha a que se está a proceder dos seus múltiplos dispersos, se considerou deverem ser objecto de publicação autónoma.*

*Reúnem-se, assim, no presente volume os cinco textos de ficção do futuro autor de O Porto Culto: o romance (incompleto) Os Três Frades, o mais extenso de todos, publicado em folhetins, de 16 de Julho de 1872 a 6 de Fevereiro do ano seguinte, no jornal portuense Diário da Tarde, Folha Popular, e nos n.ºs 5 e 6 do semanário Vampiro, em 1873; o prólogo do romance Os Três Enforcados, cuja publicação, simultânea com a de Os Três Frades, se verificou nos três primeiros números do Semanário de Literatura e Questão Religiosa O Laço-Branco, no ano de 1872; o conto Mistérios de um Crime, vindo a público, durante o ano de 1874, nas páginas da 1.ª série de outra revista portuense, A Harpa, nos seus n.ºs 10, 11, 13 e 16 a 18; o*

*prólogo de Os Visionários, editado nos n.ºs 1 e 2 da 2.ª série de A Harpa, respectivamente de 8 de Junho e 23 de Agosto de 1875, texto que assinala o termo da colaboração de Bruno nesta revista; e o «Esboço de um capítulo inédito da 3.ª série dos Rougon-Macquard» intitulado Romantismo, saído, em Dezembro de 1879, no n.º 1 da Gazeta do Realismo (Órgão da Última Boémia).*

*Contemporâneas da redacção da Análise da Crença Cristã (1874), primeira obra de Bruno de intenção filosófica, muito influenciada pela leitura da Defesa do Racionalismo ou Análise da Fé (1866), de Amorim Viana, as quatro primeiras tentativas romanescas do moço escritor, na sua inexperiência e ingenuidade, não deixam de revelar inegável talento literário e capacidade efabuladora, numa linha próxima da ficção da segunda geração romântica portuguesa, marcada, embora, por uma atitude fortemente antijesuítica e anticlerical, enquanto o último denota uma clara intenção irónica, de caricatura dos tiques da literatura realista e naturalista, e do seu comprazimento na descrição de ambientes sórdidos, bem patentes, desde logo, não só no título como no facto de o texto, cuja acção decorre no Porto, aparecer assinado por Alphonse Daudet, Émile Zola e Gustave Flaubert.*

## I

### A CRIANÇA ABANDONADA

Era no ano de 1831. O déspota usurpador brilhava ainda, rodeado de cortesãos, de fidalgos e de frades. A revolução de 1820 apagara o facho, o archote resinoso da inquisição, e D. Miguel não ousara reacendê-lo; em vez, porém, do inquisidor, aparecia a ignóbil sotaina do frade.

Ora, por uma noite de Novembro do ano de 1831, noite medonha, em que a tempestade bramia furiosa e a chuva caía a jorros, a criadagem do Sr. João da Silveira achava-se reunida na cozinha do velho solar e esperava ansiosa as papas que a tia Carlota preparava na lareira.

O Sr. João da Silveira era um fidalgo de óptima linhagem, fidalgo que tinha cem avós limpos e escorreitos, avós que não possuíam mescla alguma do sangue plebeu; creio até que João da Silveira já tivera um ascendente inquisidor... O solar do velho fidalgo ficava numa das aldeias mais incógnitas da Beira Alta, aldeia essencialmente religiosa e miguelista.

Ora João da Silveira tinha apenas 8 anos quando partira na companhia dum tio, capitão de navios, da barra do Porto, a *ver terras*, como dizem na sua lacónica e acertada frase os aldeãos. A família de Silveira nunca pudera ver com bons olhos este parente capitão de navios. Tinha ela por indignidade o

haver-se um fidalgo de boa linhagem rebaixado até adoptar, como ganha-pão, o cargo de capitão de navios mercantis; e dizem «ganha-pão» porque com efeito o tio do jovem fidalgo ganhava daquele modo o seu pão quotidiano. Os pais tinham-lhe devorado tudo no jogo e nas festas pomposas da nobreza, e o filho não podia *comer da sua fidalguia*. Não obstante isto, o capitão de navios e os fidalgos da Silveira visitavam-se por vezes.

No dia em que Alberto (tal era o nome do marinheiro fidalgo) pediu aos pais do *Joãozinho* licença para levar consigo a criança *a ver terras*, tudo mudou, e os austeros fidalgos consentiram de boa vontade, e com expansão até. É que Alberto vinha instruir-lhes o filho pela instrução amena das viagens, e livrava-os assim por algum tempo do pequeno traquina.

— Parece-me que ao Alberto se pode confiar a criança — disse ao velho pai do *Joãozinho* a consorte.

— Parece-me que sim — respondeu o velhote.

Alberto e João partiram, pois, para o Porto, e em breve *Santa Engrácia* se fez de vela para o Rio de Janeiro.

Passados dois anos, voltou o navio, que tinha visitado o Brasil, Buenos Aires, e que entrara no porto de New York. Navegava admiravelmente o *Santa Engrácia*, e não correra risco algum, nem na ida nem na volta. Voltou a criança para casa, e aí se conservou até aos 18 anos, caçando, jogando e dando pancadaria de matar nalgum criado que por acaso lhe desagradava. Aos 18 anos, rebentou nele furioso desejo de viajar. A família pôs então mais algumas dúvidas no seu consentimento, porque o tio capitão de navios tinha morrido, e portanto era preciso pagar para viajar. Por fim, ao cabo de muitos pedidos, consentiu, abriu o cofre enferrujado e o rapaz partiu. Andou João viajando até aos 23 anos, demorou-se em Paris, onde gastou somas fabulosas, dois anos, e, quando viu que o dinheiro lhe ia escasseando, decidiu-se a regressar à terra pátria.

Quando ia, porém, a pôr o pé no primeiro degrau da casa paterna, correu para ele um criado, que lhe disse com a voz embargada pelos soluços:

— Não suba, Sr. *Joãozinho*, não suba...

— Que diabo de cantiga é essa? — perguntou o fidalgo.

— Seu pai... senhor, seu pai...

— Que tem meu pai, que tem? — inquiriu ele vivamente...

## ÍNDICE

Nota editorial .....	7
----------------------	---

### OS TRÊS FRADES

#### Prólogo

I — A criança abandonada .....	13
II — A cova do diabo .....	23

#### PRIMEIRA PARTE

#### O Clube da Morte

I — A palavra de passe .....	35
II — Torquemada e Loyola .....	40
III — Rapto .....	44
IV — Alberto Guimarães .....	48
V — Na cozinha .....	56
VI — O padre-cura .....	64
VII — O demónio do padre .....	68
VIII — O demónio do jogo .....	73
IX — Declaração .....	79
X — O assassinato .....	85

XI — O lobisomem . . . . .	88
XII — Desgraça completa . . . . .	93
XIII — Na cadeia . . . . .	101
XIV — Os três frades . . . . .	105
XV — Julgamento . . . . .	115
XVI — Torquemada e Carlos . . . . .	117
XVII — Domingos e Bartolomeu . . . . .	120
XVIII — A mendiga . . . . .	127
XIX — A execução . . . . .	130
XX — A família Macedo . . . . .	133
XXI — Resultado . . . . .	137
XXII — Manifestação católica . . . . .	145
XXIII — A hóstia envenenada . . . . .	148
XXIV — O tabelião Gringalet . . . . .	152
XXV — Peggy . . . . .	156
XXVI — O assassinato de Gringalet . . . . .	158

## OS TRÊS ENFORCADOS

### Prólogo

I . . . . .	165
-------------	-----

## MISTÉRIOS DE UM CRIME

I . . . . .	173
II . . . . .	175
III . . . . .	178
IV . . . . .	179
V . . . . .	183
VI . . . . .	185
VII . . . . .	186
VIII . . . . .	189
IX . . . . .	192
X . . . . .	194
XI . . . . .	196
XII . . . . .	199

## OS VISIONÁRIOS

### Prólogo

I .....	205
II.....	209

## ROMANTICISMO

### ESBOÇO DE UM CAPÍTULO INÉDITO DA 3.ª SÉRIE DOS *ROUGON-MACQUARD*

(Tema para ampliações) .....	213
------------------------------	-----